Produtividade do trabalho: um enfoque regional

A produtividade do trabalho no Brasil cresceu de forma consistente de 2004 a 2013 e registrou relativa estagnação no período mais recente, movimento compatível com o ciclo de crescimento observado no período[1]. Essa trajetória, representada pela média do país, pode estar associada a desempenhos e níveis diferenciados de produtividade entre as regiões, decorrentes das distintas estruturas produtivas, dotações de capital e níveis de capacitação da força de trabalho. O objetivo deste boxe é avaliar a produtividade do trabalho nas cinco regiões brasileiras no período de 2004 a 2015, decompondo-a entre os principais setores produtivos.

A produtividade do trabalho[2], neste boxe, considera a razão entre o Valor Adicionado Bruto (VAB) e a População Ocupada (PO). Com a divulgação das Contas Regionais – referência 2010, e sua retropolação até 2002, foi possível utilizar a série do VAB das regiões, com a mesma referência, para o cálculo da produtividade. Os valores de VAB foram estimados a preços de 2015. A PO considera os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) anual de 2004 a 2015[3].

A análise do VAB por região e em nível agregado, de 2004 a 2015, evidencia a perda de participação do Sudeste (0,9 p.p.) e do Sul (1,1 p.p.), e crescimento da participação no Nordeste, Norte e, principalmente, do Centro-Oeste, regiões que apresentaram, em termos relativos, maior dinamismo econômico nos anos considerados. O comportamento da PO no mesmo período mostra perdas de participação relativa do Nordeste e do Sul e ganhos nas outras regiões, com destaque para o Sudeste (Tabela 1).

1/ Para estimativas da produtividade do trabalho no Brasil e considerações sobre sua evolução ver os boxes "Considerações acerca da evolução da produtividade do trabalho e do nível de ocupação no Brasil", do Relatório de Inflação de março de 2017, e "Evolução recente da produtividade do trabalho", do Relatório de Inflação de setembro de 2017, e também Veloso, F. Matos, S. e Coelho, B. (2015). "Produtividade do trabalho no Brasil: uma análise setorial". Texto para Discussão nº 85. IBRE/FGV.

2/ No restante do boxe, o termo "produtividade" refere-se à produtividade do trabalho.

3/ A série de população ocupada da PNAD que foi utilizada inicia-se em 2004 para evitar descontinuidade, já que a área rural da região Norte não era pesquisada no período anterior. A PNAD não foi realizada em 2010.

Tabela 1 – Valor adicionado e População Ocupada

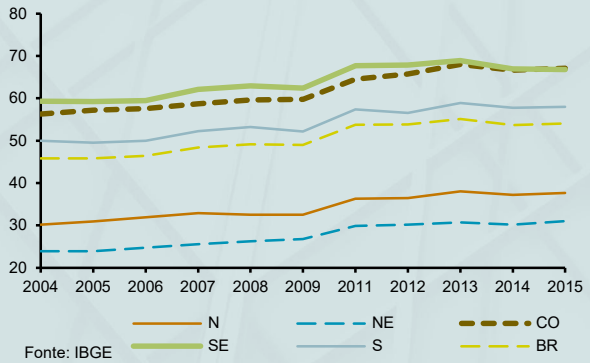
	Valor adicionado				População Ocupada			
	R$ milhões[1/]		Participação %		Mil		Participação %	
	2004	2015	2004	2015	2004	2015	2004	2015
N	197 236	284 739	5,0	5,5	6 536	7 559	7,7	7,9
NE	546 471	748 066	14,0	14,5	22 851	24 129	26,8	25,3
CO	348 238	512 781	8,9	9,9	6 185	7 642	7,3	8,0
SE	2 112 163	2 740 315	54,1	53,2	35 605	41 056	41,8	43,0
S	703 265	869 701	18,0	16,9	14 070	14 995	16,5	15,7
BR	3 907 373	5 155 601	100,0	100,0	85 247	95 381	100,0	100,0

Fonte: IBGE

1/ A preços de 2015.

Gráfico 1 – Produtividade – Total

R$ mil por trabalhador a preços de 2015



Fonte: IBGE

As estimativas de produtividade regionais são apresentadas no Gráfico 1 e na Tabela 2. O Nordeste e o Norte, com patamares bem inferiores à da média nacional, registraram maiores crescimentos no período, 29,6% e 24,8%, respectivamente. A região Centro-Oeste mostra o maior nível de produtividade no país, superando recentemente o Sudeste, região que apresentou menor incremento (12,5%) no indicador no período. Finalmente, o desempenho do Sul aproxima-se da média do Brasil.

A evolução dos níveis de produtividade das regiões segue a mesma tendência da média nacional, embora com intensidades diferentes. Observou-se crescimento até 2013 e estagnação ou queda nos

Tabela 2 – Produtividade – Total

R$ mil por trabalhador[1/]

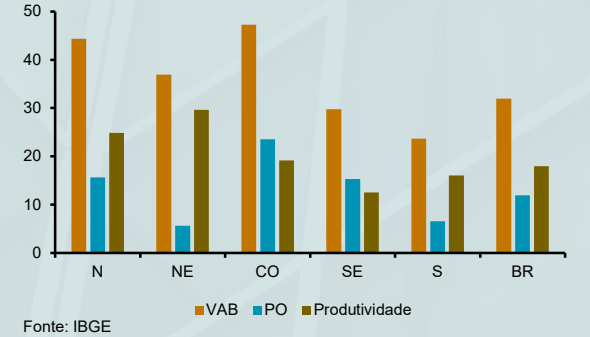
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015
N	30,2	30,9	31,9	32,9	32,5	32,5	36,3	36,5	38,0	37,2	37,7
NE	23,9	23,9	24,7	25,6	26,2	26,8	29,9	30,2	30,7	30,2	31,0
CO	56,3	57,1	57,6	58,7	59,6	59,8	64,5	65,7	68,0	66,6	67,1
SE	59,3	59,2	59,4	62,1	62,9	62,4	67,7	67,8	68,9	67,0	66,7
S	50,0	49,5	49,9	52,2	53,2	52,1	57,4	56,6	58,9	57,7	58,0
BR	45,8	45,8	46,4	48,4	49,2	49,0	53,7	53,9	55,1	53,6	54,1

Fonte: IBGE

1/ A preços de 2015.

Gráfico 2 – Produtividade total

Var % de 2004 a 2015

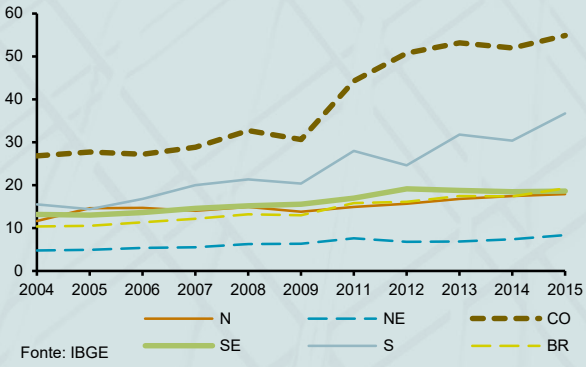


Fonte: IBGE

últimos dois anos do período. Ressalte-se que, apesar do Nordeste e Norte registrarem desempenhos melhores que as outras regiões, os seus níveis de produtividade em 2015 ainda se mantinham em 57% e 70% da média nacional, respectivamente, e em torno da metade dos níveis observados para o Centro-Oeste e o Sudeste.

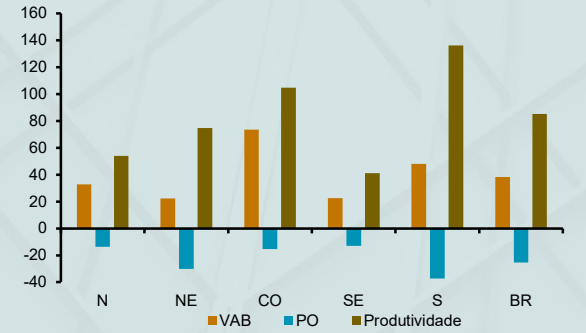
A evolução do VAB de 2004 a 2015 decomposta nas variações da PO e da produtividade é evidenciada no gráfico 2. O Nordeste destaca-se como a região em que o crescimento do VAB é majoritariamente

Gráfico 3 – Produtividade – Agropecuária
R$ mil por trabalhador a preços de 2015



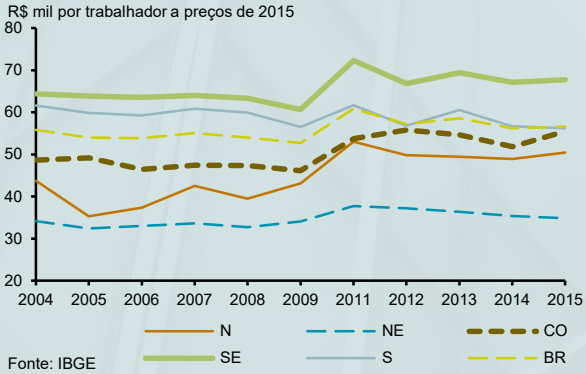
Fonte: IBGE

Gráfico 4 – Produtividade da agropecuária
Var % de 2004 a 2015



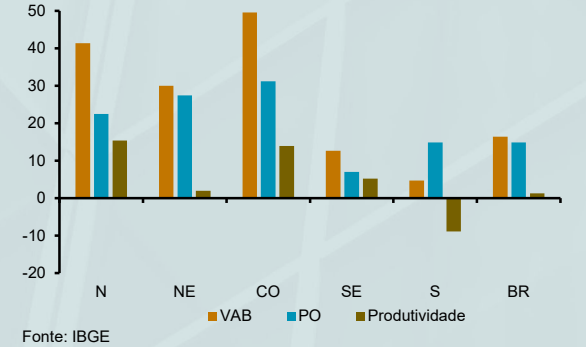
Fonte: IBGE

Gráfico 5 – Produtividade – Indústria
R$ mil por trabalhador a preços de 2015



Fonte: IBGE

Gráfico 6 – Produtividade da indústria
Var % de 2004 a 2015



Fonte: IBGE

determinado pelo aumento da produtividade e onde a população ocupada apresentou menor crescimento. Em oposição, o Sudeste e o Centro-Oeste são as regiões cujo incremento da PO tem papel mais importante na expansão do VAB do que a variação da produtividade.

A desagregação dos dados de produtividade por grandes setores de atividade mostra que as diferenças se mantêm e até se acentuam entre as regiões, como no caso da agropecuária (Gráfico 3). O Nordeste continua sendo a região com menores níveis de produtividade em todos os setores, com destaque para agropecuária. A vocação agrícola das regiões Sul e Centro-oeste propiciaram aumentos de 105% e 136% nos respectivos indicadores de produtividade do setor primário, ampliando a diferença do indicador relativo ao Nordeste. A incorporação de novas áreas de agricultura moderna, como o oeste da Bahia e áreas do Piauí e Maranhão, não foi determinante o suficiente para compensar a baixa produtividade da agropecuária tradicional nordestina. Cabe ressalvar, que as adversidades climáticas têm castigado a região, nos últimos anos, em intensidade superior às demais áreas do país.

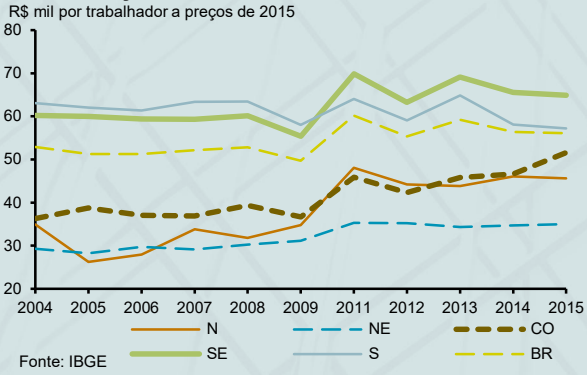
Todas as regiões apresentaram perdas de população ocupada na agropecuária, com destaque para o Nordeste (-30%) e o Sul (-37%). Assim, a agropecuária foi o único setor em que o crescimento do VAB é totalmente explicado pelo incremento da produtividade (Gráfico 4).

Na indústria, as diferenças nos níveis de produtividade entre as regiões também são evidentes, mas menores do que as observadas na agropecuária. As trajetórias dos indicadores de produtividade regionais foram marcadamente diferentes no período considerado, com desempenhos positivos do Norte e Centro-Oeste e destaque negativo para o Sul, única região a registrar queda (Gráfico 5), refletindo, principalmente, a retração do VAB da indústria de transformação. O Sudeste, embora também apresentando redução do VAB da indústria de transformação, revela pequeno incremento da produtividade industrial, dada pelo ajuste efetivado na população ocupada. Essas duas regiões, por concentrarem parcela significativa da atividade industrial do país, sofreram, com mais intensidade, os impactos da crise que atingiu o setor em 2013.

Ao contrário da agropecuária, o crescimento do VAB da indústria foi preponderantemente explicado,

Gráfico 7 – Produtividade – Indústria de transformação

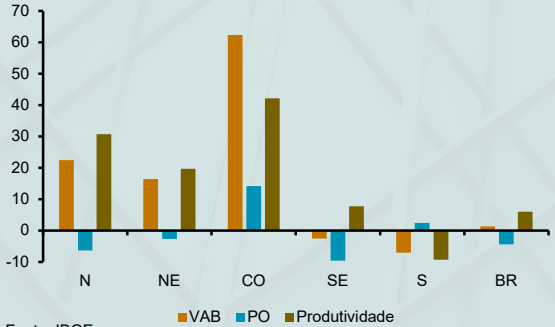
R$ mil por trabalhador a preços de 2015



Fonte: IBGE

Gráfico 8 – Produtividade da indústria de transformação

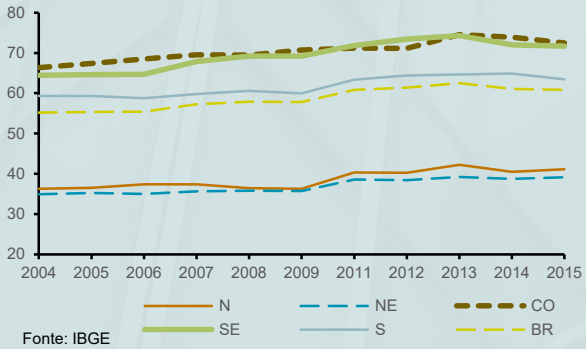
Var % de 2004 a 2015



Fonte: IBGE

Gráfico 9 – Produtividade – Serviços

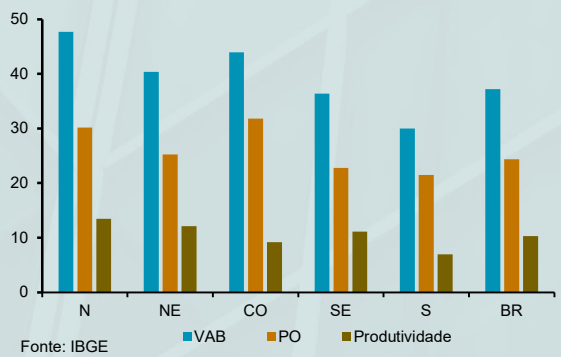
R$ mil por trabalhador a preços de 2015



Fonte: IBGE

Gráfico 10 – Produtividade do setor de serviços

Var % de 2004 a 2015



Fonte: IBGE

em todas as regiões, pelo aumento da população ocupada (Gráfico 6). Contudo, na indústria de transformação, especificamente, a produtividade foi o fator mais importante para determinar as variações no VAB da atividade, à exceção do Sul (Gráfico 8).

A produtividade do setor de serviços apresenta os maiores patamares no Sudeste e Centro-Oeste, está em posição intermediária, próxima da média nacional, no Sul e em nível mais baixo no Norte e Nordeste (Gráfico 9). A trajetória da produtividade de serviços apresenta mudança mais gradual do que nos outros setores. Como o setor de serviços foi o grande absorvedor de mão de obra no período, a variação do VAB é explicada principalmente pelo crescimento da PO, com a produtividade do setor registrando variações positivas em todas as regiões (Gráfico 10).

Em resumo, os níveis de produtividade das regiões brasileiras são muito diferentes, seja em termos agregados ou consideradas setorialmente. Apesar do maior crescimento da produtividade do Nordeste e Norte no período analisado, essas duas regiões ainda estão muito abaixo da produtividade média nacional, evidenciando maiores oportunidades para incrementos.

Houve, de 2004 a 2015, expressiva redução da população ocupada na agropecuária do Nordeste (2,5 milhões do total de 4,5 milhões no Brasil), que foi absorvida pelas atividades da indústria e do setor de serviços. Isso explica, em grande parte, o maior crescimento da produtividade total do Nordeste no período – transferência de pessoas de uma atividade com baixa produtividade para setores com produtividade quatro vezes maior, elevando a produtividade total da economia.

Observou-se significativo crescimento da produtividade na agropecuária das regiões Sul e Centro-Oeste - mais que dobrou entre 2004 e 2015, com diminuição da PO. Negativamente, refletindo a crise recente, a indústria de transformação apresentou baixo crescimento da produtividade no período, principalmente no Sudeste e Sul, regiões que concentram a maior parte do parque industrial do país.